

TEOLOGIA DO ESPÍRITO E SUA RELAÇÃO COM OS CURSOS DE TEOLOGIA

Andréa Nogueira Gomes dos Santos¹

Os estudos teológicos, foram a princípio, pouco valorizados na história das ADs no Brasil, entretanto, hoje esta não é mais a realidade absoluta nestas igrejas, os cursos de Teologia estão ocupando espaços que outrora não eram admitidos, mesmo que tais avanços ainda aconteçam com certa dificuldade. Um exemplo disto é o curso de Teologia da Faculdade Refidim em Joinville SC, instituição mantida pela igreja Assembleia de Deus CGADB, com tradição de mais de trinta anos oferecendo cursos livres de Teologia e que no ano em junho de 2011² recebeu do MEC autorização para iniciar a primeira turma de Bacharel em Teologia. No mesmo ano a faculdade iniciou também sua primeira turma de pós Graduação em Aconselhamento e Cristão e hoje está com o curso de Bacharel em Teologia a distância também autorizado e com projeto do Mestrado em andamento, este será o primeiro mestrado pentecostal do Brasil, com previsão de início em 2019.

Fato é que o pentecostal do século XXI se aproxima cada vez mais da realidade acadêmica e as ADs ainda priorizaram por ensinamentos teológicos que tenham em vista experiências com o divino, com isto surge também a necessidade de reflexões que se orientem no sentido de buscar caminhos que diminuam a polarização entre teologia experiencial e teologia acadêmica e uma proposta cada vez mais sólida de aproximação entre ambas.

É necessário compreender de que forma e quais são os códigos e símbolos que melhor se coadunam com este *ethos* pentecostal de fazer teologia, sem discriminar o método analítico, mas propondo também maneiras de se aperfeiçoar e

¹ Possui graduação em Secretariado Executivo pelo Grupo Educacional Uninter (2010) e em Teologia pela Faculdade Refidim (2012). Possui também especialização em Aconselhamento Cristão e Cuidado pela Faculdade Refidim (2013). É Mestranda em Teologia pela Faculdades EST, na linha de pesquisa Leitura e Ensino da Bíblia. É coordenadora do curso Avançado em Teologia, docente e secretária acadêmica na Faculdade Refidim. Tem experiência na área de Administração de entidades sem fins lucrativos e educacionais, com ênfase em Administração de Unidades Educativas. É membra fundadora do GEP - Grupo de Estudos Pentecostais da Faculdade Refidim e membra do Fórum da Mulher no Centro de Direitos Humanos em Joinville SC. Realiza palestras em igrejas e cursos de extensão, é compositora e integrante de um ministério musical. É casada com o presbítero Osmair Santos e juntos tem um filho, seu nome é Cristian. E mail para contato secretaria@ceeduc.edu.br

² Faculdade Refidim criada em 1999 e autorizada pelo MEC a oferecer curso superior em teologia em 01/06/2011.

facilitar a compreensão da teologia para este estudante que emerge das igrejas pentecostais e que supostamente não faz teologia.

Supostamente, porque eles apenas fazem teologia de outro jeito. Evidentemente, os pentecostais também criaram sua própria teologia ao seu estilo, se contrapondo à teologia tradicional, como escreve Reblin:

Talvez, pelo fato de perder espaço, a teologia exclusivamente racional tente se reafirmar como a única detentora do “saber correto” e do “caminho correto” para encontrar Deus, subjugando, assim, outros saberes, uniformizando experiências e generalizando a própria imagem *elaborada* de Deus. Em outras palavras, teólogos estudam e estudam e acham que, com as técnicas, eles podem resolver tudo o que a teologia se propõe a fazer ou tudo o que ela implica em ser feito; o que, em grande medida, faz parte das heranças que a história destinou a própria teologia: o racionalismo.³

Desta forma, o pentecostalismo brasileiro, consciente e inconscientemente, se posicionou contrário às teologias que valorizavam mais a inteligência do que a devoção para preservar esta última, pois tem mais conexões com a dinâmica da vida e oferece respostas mais concretas à finitude humana. Isto não necessariamente seria uma atitude anti-intelectualista, mas uma tentativa de mostrar e denunciar que algo estaria errado na forma tradicional de se fazer teologia. O Doutorando Prof. Fernando Albano, entre outras, defende em sua tese que doutrina e experiência sempre foram dois eixos fundamentais da teologia Pentecostal, que certamente houve desequilíbrios, no entanto, reflexão bíblica e experiência estiveram presentes no pentecostalismo desde as suas origens.⁴

O grande problema é que ao rejeitar esta teologia racional, teve dificuldades para propor algo mais acadêmico, por valorizar a teologia experiencial. Uma vez que a teologia acadêmica, como reitera Machado, na maioria das vezes é:

Desprovida de significado para os homens e mulheres, restringindo-se a um corpo de doutrinas desconexas com a vida concreta, um conjunto de fórmulas elaboradas por um grupo seletivo de cristãos, [é] uma mera repetição de fórmulas desconexas da vida concreta das pessoas e culturas.

Neste sentido Reblin afirma:

A teologia jamais [deveria ser] um sistema fechado, pois ela está intrinsecamente vinculada à vida, as suas nuances e a suas particularidades, e ao contexto histórico, social, político, econômico, psicológico, existencial, em que ela se desenrola, sob a perspectiva da abolição dos fatos não valorativos que compreendem essa realidade.⁵

³ REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 76.

⁴ ALBANO, Fernando. *O Espírito no Mundo: Pneumatologia pentecostal em diálogo com Paul Tillich*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2017.

⁵ REBLIN, 2009, p. 142.

O pentecostalismo surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, foi um movimento leigo de William J. Seymour em 1906, mas também oriundo de seminários teológicos como é o caso de Charles Fox Parham, que fundou uma escola bíblica denominada *O Espírito Santo e Nós*, de abordagem antiacadêmica, onde o “único professor” era o Espírito Santo, antes mesmo da eclosão do movimento pentecostal. Desta forma, pode-se afirmar que o movimento pentecostal, inicialmente, é (anti) acadêmico.

Uma revisão histórica dentro deste movimento, corrobora que quando o movimento pentecostal começou nas comunidades norte americanas, houve uma decisão de não se usar elementos batistas e presbiterianos na liturgia dos cultos, pois concluiu-se que aquela liturgia era engessada e o discurso muito elaborado e isto trouxe uma certa apatia no que se refere ao relacionamento da comunidade com o sagrado, porque toda aquela liturgia não estava gerando os resultados esperados, eles concluíram então que o inverso, ou seja, uma liturgia e um discurso guiados pelo Espírito Santo seria a solução, assim os pentecostais, em sua gênese, colocam em contra posição o Espírito Santo da teologia e o Espírito Santo da experiência.

As igrejas pentecostais ofereceram ao povo uma linguagem religiosa simples de se entender, com ênfase emocional e experiencial, com certo desprezo pela racionalidade e pelos dogmas engessados, permitindo uma expressividade religiosa acolhedora das mais variadas classes sociais, especialmente dos pobres. Este é um dos motivos do imenso sucesso proselitista destas igrejas, conforme escreve Míguez-Bonino:

Os pentecostais tinham algo a oferecer, algo que fez vibrar pessoas letargadas pela monotonia e desesperança de sua existência. [...] Sua vida foi transformada, seu horizonte foi ampliado; a vida cobrou um significado dinâmico. A realidade de Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo – que não passavam de termos sentimentais ligados ao ritual e ao folclore – cobraram novo significado, tornaram-se meios pelos quais se comunicavam luz, força e esperança ao espírito humano. Elas se transformaram em pessoas com um propósito para viver.⁶

No Brasil o aprendizado teológico prioritariamente foi informal, testemunhal e experiencial, sendo assim as ADs implantarem o que na época se chamava de

⁶ Latin América and Revolution-II: The New Mood in the Churches, *The Christian Century*, p. 1.439, 24 nov. 1965. In.: BONINO, José Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 53-54.

Escola Bíblica, as quais serviram também para foi informal, testemunhal de alguns poucos pioneiros para iniciarem um ensino teológico mais formal, como os Institutos Bíblicos e seminários, que seriam mais racionais e com menos ênfase na afetividade dos sentimentos.

Apenas para dar alguns exemplos, em 1943 houve uma Escola Bíblica em que aconteceu um intenso debate em torno da implantação ou não de Seminários Teológicos, propositalmente chamados de “institutos bíblicos” para abrandar o impacto negativo causado pelo uso da palavra “teologia”. Isto porque era sinônimo, para os que defendiam a linha de pensamento sueca, de intelectualismo, frieza espiritual e toda sorte de adjetivos depreciativos. Seria até mesmo “perigoso investir muito na educação teológica do obreiro.”⁷ O missionário Walter Goodband, sueco, disse que havia necessidade de crescer em sabedoria, todavia o “muito estudar é enfado da carne”. Os brasileiros estavam “resolvidos a impedir a aprovação dessa obra. [...] temiam que o treinamento em institutos bíblicos levasse os obreiros brasileiros a dependerem do seu conhecimento e capacidade intelectual, ao invés de confiarem unicamente na direção do Espírito Santo e na Palavra de Deus”.⁸

Na Convenção Geral de 1973 finalmente foi aprovado, depois de 14 anos de ter sido criado, o IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, o primeiro neste sentido no Brasil, este ainda gerava polêmica. Afirmou-se que o IBAD foi criado “a contragosto de muitos líderes brasileiros”, que “o melhor educandário é o Colégio do Espírito Santo”. Observa-se que, a ênfase está sobre o estudo bíblico e na experiência, com tendências apologéticas, fundamentalistas e com material produzido a partir de reflexão oral e experiencial.

Mas a reclamação presenciada no pentecostalismo de conflitos entre fé e educação teológica não é verificada somente nesta denominação, pois está presente em várias vertentes evangélicas, sendo considerado algumas vezes como “cemitérios da espiritualidade”, de “deserto espiritual”, onde “homens e mulheres perdiam a fé” e eram previamente avisados “do tipo juízo final”, como reitera Peterson:

A decepção mais frequentemente expressa pelos homens e mulheres que ingressam no seminário está relacionada com a espiritualidade. Não raro,

⁸ POMERENING, Claiton Ivan. *Fábrica de Pastores*; Interfaces e Divergências entre Educação Teológica e fé cristã comunitária na Teologia Pentecostal. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015. LEMOS, Edson Kolenda. Joinville, 15 fev. 2013. Depoimento concedido a Claiton Ivan Pommerening.

chegam ao seminário motivados por um compromisso com Deus e um desejo de servir a seu Senhor em alguma forma de ministério, e então descobrem que, em cada ocasião, estão sendo confundidos ou desviados em relação a essa intenção.⁹

O Dr. Claiton Pommerening em sua tese, que aliás, é uma bela e importante obra na história do pentecostalismo brasileiro, pondera que toda religiosidade apresenta aspectos racionais e irracionais, entretanto, dependendo da maneira como cada uma compreende o numinoso ou da forma como se organiza¹⁰, poderão ser dadas ênfases diferenciadas para um aspecto ou outro. No caso do pentecostalismo, mais precisamente as ADs, tem-se por um lado ênfases no caráter irracional, presentes na maneira de orar, de pregar, de cantar e de expressar o mover do Espírito, e por outro lado, o caráter racional presente na maneira simplificada como se explicam e compreendem estes fenômenos.

Dr. Claiton Pommerening diz ainda que experiência é o fundamento principal da religiosidade pentecostal, porque a maioria dos seus adeptos o faz a partir de suas necessidades físicas, materiais, emocionais, sentimentais e familiares, sendo elas a fonte motivadora de encontro com o sagrado, pois este seria o poder irracional, o sobrenatural, o solucionador e provedor destas necessidades. E o Pr. Cesar Moisés em seu artigo de capa escrito para a Revista Obreiros, diz que: “originariamente, a teologia sempre sucede a experiência, pois ela representa a tentativa de dar sentido ao que aconteceu, procura sistematizar a revelação especial em forma de doutrina e até a própria religião como um todo”.¹¹

O estudante pentecostal que ingressa no curso de teologia emerge desta cultura experiencial, ele não compreende apenas pelo viés cognitivo, a partir de teses ou teorias como o faz a teologia tradicional. Nas comunidades pentecostais não se pergunta, por exemplo, por que Deus é amor, mas se vive esta realidade a partir da experiência com o sagrado. Assim ao se inserir em ambiente acadêmico a definição cognitiva de teologia entra em conflito com a definição que o pentecostal tem do Deus da experiência, por não compreender Deus apenas pela via teórica, mas e principalmente pela via da experiência.

⁹ PETERSON. Eugene. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 75-76.

¹⁰ POMMERENING, 2015, p. 110.

¹¹ MOISÈS, Cesar. Revelação, experiência e Teologia. *Revista Obreiro*, v. 00, nº 00, p. 28-42, Jul./Dez. 2016.

Enquanto a compreensão teológica tradicional é majoritariamente associada a reflexão teórica sobre a experiência, a concepção teológica do estudante pentecostal faz o caminho inverso, ela é associada a experiência e esta experiência o leva a reflexão. Neste sentido a Teologia do Espírito se faz essencial na comunicação de conceitos teológicos a este estudante, pois esta em relação com o saber acadêmico define teologia e experiência de um jeito mais familiar, sem que uma rejeite a outra e evita que, no futuro, este estudante se torne estéril para a comunidade, por ter tido contato com uma teologia puramente racional.

Definir o que é teologia parece algo óbvio quando se tem em foco a experiência acadêmica, visto que a teologia é constantemente o objeto de análise neste campo, no entanto, esta definição não é óbvia quando se trata de leigos e de como o estudante pentecostal entende e percebe a teologia, pode-se a partir disto fazer uma análise histórica do que este estudante pentecostal assembleiano assimilou como saber teológico, e por que se criou este estigma contra a teologia.

A teologia tradicional tanto católica como protestante é uma teologia feita a partir de pressupostos descritivos, ou seja, estabelecem-se hipóteses, das hipóteses elaboram-se teses, e das teses formam-se princípios doutrinários a fim de se apresentar definições teológicas sobre o sagrado, e neste processo, exclui-se o procedimento de examinar o que as comunidades compreendem e percebem sobre Deus em sua vivência diária, afastando a teologia da comunidade e tornando-a estranha e até mesmo resignada.

Logo, quando tais análises não são levadas em conta, a teologia produzida em ambiente acadêmico encontra grandes dificuldades de se estabelecer nestes espaços de forma saudável, pois para o estudante pentecostal a vida, e não apenas sua teologia, passa pelo campo da experiência e é a partir das experiências que ele organiza a vida como um todo. O tema em questão é de grande relevância para o meio pentecostal, pois a partir deste, caminhos poderão ser propostos para que se reconstrua, a partir da Teologia do Espírito, uma proposta de teologia acadêmica que não tenha como base apenas o discurso teórico, mas que novos conceitos sejam formulados a partir dos quais o pentecostal tenha certa familiaridade.

Todas estas questões encontram eco numa questão central: visto que o curso de Teologia pós reconhecimento precisa cumprir novas e inúmeras demandas

estabelecidas pelo MEC, implicações podem ser acarretadas para o estudante pentecostal na comunicação de uma Teologia inevitavelmente teórica. Por isto a proposta de um currículo onde a Teologia da experiência se harmonize com o academicismo pode ser um caminho para o aprendizado teológico produtivo deste estudante.

O diálogo com o estudante pentecostal apenas no campo teórico é algo que não faz sentido, para ele uma coisa é a teoria e outra coisa é a prática. Nas comunidades muitos pastores tem exatamente este discurso para os alunos do curso de teologia, que uma coisa é o diploma de teologia e outra coisa bem diferente é a prática e que muito do que os alunos estão estudando não será usado, pois teoria e prática são coisas diferentes. Nesta afirmação temos aqui uma definição muito diferente, por parte de muitos pentecostais, do que é teologia no campo teórico e o que é teologia no campo da vivência, da experiência diária, reafirmando mais uma vez o dualismo entre ambas.

Wallon afirma que para aprender o ser humano precisa primeiramente sentir para que se desperte nele o mínimo de afeto possível, ele reitera que o homem não consegue ter um aprendizado eficiente se ele não se envolve com o objeto de aprendizado e este envolvimento decorre de um movimento emocional e sensitivo, é a partir deste processo de sensações que sua estrutura cognitiva vai conseguir se apropriar de certos conhecimentos.¹²

O estudante pentecostal traz consigo uma bagagem experiencial considerável para o curso de teologia, e o professor a partir do plano de curso e conteúdo programático pode propor a este um caminho onde transmissão de conhecimento e aprendizagem estarão em uma via de mão dupla, assim sendo o aluno entra no curso com a experiência e o conhecimento que desenvolveu de e com Deus em sua caminhada de fé, enquanto que o professor pentecostal, também contribui com seu conhecimento teológico. A experiência que o aluno traz consigo, em boa parte, poderá ser apenas ressignificada ou redirecionada. Se no processo de aprendizagem a experiência do aluno for considerada, ela poderá ser, um ponto de

¹² SANTOS, Fernando Tadeu. Henri Wallon. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/henri-wallon-307886.shtml#>. Acesso em: 28 nov. 2015.

conexão inicial substancial, para uma relação saudável entre o saber acadêmico e o experiencial.

Sobre isto o Dr. Claiton Pommerening pondera que, para que o estudante pentecostal assimile coerentemente os conceitos teológicos do mundo acadêmico, o modo que ele faz, e sua definição de teologia precisa sair do campo puramente descritivo e ir para o campo experiencial, para o estudante pentecostal a teologia não fica somente no aspecto da compreensão, ela precisa também ser sentida e experimentada para que ele organize sua vida em torno disso.

Em vista dessa realidade faz-se necessário reflexões sobre a Teologia do Espírito e sua relação com os cursos de teologia pré e pós reconhecimento pelo MEC, bem como compreender a relação e desenvolvimento da Teologia do Espírito no decorrer destas mudanças, pois na intenção de tirar o caráter devocional do curso, se restringiu também reflexões sobre o jeito pentecostal de entender Deus.

O intuito é que pontos de relação com a Teologia do Espírito sejam encontrados nos dois formatos de curso afim de que o conhecimento teológico acadêmico e a experiência possam se afinar no pensamento do estudante pentecostal, pois caminhar pelo academicismo abrindo mão de uma das doutrinas basilares do movimento pentecostal é promover um desserviço ao movimento, por isto a Teologia do Espírito se torna vital nos cursos de Teologia autorizados ou não, pois ela promove a criação de pontes para que o estudante pentecostal assimile os novos conhecimentos de forma produtiva, porém, mantendo suas convicções pentecostais com integridade.

O desafio é grande, contudo ao encontrarmos caminhos de conciliação entre a Teologia do Espírito e academicismo, estaremos indo rumo ao equilíbrio almejado entre essas duas grandezas e assim fazendo, teremos uma possibilidade maior de, através da educação teológica alcançar o ser humano, não apenas racionalmente, mas em sua totalidade, valorizando também a dimensão afetiva e experiencial do estudante pentecostal.

Referências

BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu: biografia de J. P. Kolenda*. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. Educação integral: nova identidade para a escola brasileira? *Educ. Soc.*, v.23, n.81, Campinas, dez. 2002.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DREHER, Luís Henrique. *O método teológico de Friedrich Schleiermacher*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2003.

GUARÁ, Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. *Cadernos Cenpec: Educação Integral*, n.2, São Paulo: Cenpec, 2006.

JUNG, Carl Gustav. In: BOFF, Leonardo. Disponível em: <http://magazinebrasil.blogspot.com/2009/11/c-g-jung-e-o-mundo-espiritual.html>. Acesso em 28 nov. 2015.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HURLBUT, Jessé Lyman. *História da Igreja Cristã*. Venda Nova: Vida, 1979.

MACHADO, Renato da Silva. Teologia e experiência: uma abordagem sobre a centralidade da experiência para a teologia. *Atualidade teológica*, Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 40, p. 91, jan./abr. 2012.

MÍGUEZ-BONINO, José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

MORIN, Edgar. Complejo de amor, *Gazeta de antropologia*, Paris, nº 14, p. 2, 1998.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Vol. 1. São Paulo: Acadêmica Cristã; Paulus, 2009.

PETERSON. Eugene. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

SANTOS, Fernando Tadeu. Henri Wallon. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/henri-wallon-307886.shtml#>. Acesso em: 28 nov. 2015.

ZABATIERO, Julio P. T. A encruzilhada da educação teológica. In: BOMILCAR, Nelson. *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.